

09-05-2024

Existências Negligenciadas (I)

Thiago Sebastiano de Melo

[Docente CET/UnB. Membro da Coordenação Executiva do Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino]

*Eu não sou diferente de ninguém
Quase todo mundo faz assim
Eu me viro bem melhor
Quando tá mais pra bom que pra ruim
Não quero causar impacto
Nem tampouco sensação
O que eu digo é muito exato
É o que cabe na canção
Qualquer um que ouve, entende
Não precisa explicação
E se for pensar um pouco
Vai me dar toda razão
(Condição¹– Lulu Santos)*

Não tenho como te dar toda razão, infelizmente, Lulu! Nesse “*quase todo mundo*” o que escapa à regra nos é bem conhecido. Esse sujeito do desenvolvimento moderno burguês, esse sujeito referencial, submete as demais existências ao seu escrutínio perverso. Quanto mais uma existência se afasta dessa referência, mais ela sofre a perversidade.

À minha existência, ou mais precisamente ao que ela representa, não é permitido sequer o luto ‘tranquilo’. Enlutado pela perda de alguém que amo muito, escrevo o que assalta o peito e verte lágrimas quando recebo a notícia e vou para a cama. Prefiro dormir. Não quero falar com ninguém. Deitado, consigo adormecer depois de um tempo repassando histórias, rememorando, revivendo. Desperto. “*É madrugada, parece estar tudo normal. Mas este homem desperta, pressentindo o mal.*”²

Esse verso de mais uma crônica que faz um raio-X do Brasil é do Racionais MC’s (*Homem na estrada*). Trago ele porque nos poucos textos disponíveis na internet, sobretudo os que são compreensíveis para não especialistas, sobre doenças autoimunes, reitera-se um fato: a determinação social da saúde sublinha a desigualdade existencial. Se na música dos Racionais se evidencia uma vida cravejada de faltas, sobretudo do Estado, se “*na madrugada da favela não existem leis/talvez a lei do silêncio/lei do cão talvez*”, no meu despertar se nota a negligência desse mesmo Estado e do braço farmoquímico da iniciativa privada.

Eu poderia e queria continuar dormindo. O que me despertou foram as dores. Se é certo que as condições emocionais são agentes-chave das dores nas doenças autoimunes, falta dizer que a realidade concreta compõe a determinação social das condições emocionais. Falta algo nas denúncias de que o racismo afeta emocionalmente as pessoas negras.

De que a saúde mental destas está, portanto, mais vulnerável.

Eu também “*me viro bem melhor quando tá mais pra bom que pra ruim*”. O problema é que meu afastamento do sujeito referencial me impõe existir num cenário em que constantemente está ‘mais pra ruim que pra bom’. Antes de receber a notícia do falecimento, estava tocando agendas, me preparava para duas reuniões e tentava assimilar mais um caso de um tratamento ‘pouco cordial’, para não ser taxativo e dizer racista. Como temos um grupo de condições de trabalho no turismo, estou sempre atento ao atendimento, ambiente e relações das pessoas que trabalham nos equipamentos e/ou prestando serviços característicos do que economicamente se considera turismo. Por isso mesmo, mais uma vez ‘não é coisa da minha’. Sento num restaurante ‘chique’, como disse um brasileiro dono de um dos bares que tenho frequentado aqui em Santiago de Compostela/Espanha. Aqui se tem o hábito da tapa. Você pede algo para beber e te brindam com algo para petiscar que, no geral, pode ser bastante substancial, como uma porção de arroz com carne, uma fatia de pão com queijos e embutidos, ou mesmo amendoins. No balcão do estabelecimento, muitos pratos de “tapas” preparados. Mesmo quem pediu água, recebeu o tal prato. Eu pedi um vinho para me preparar para uma reunião. Me trouxeram um pote com amendoins, castanhas e uvas-passas. Sem crise, gosto, inclusive. Mas não posso deixar de registrar e processar sobre o porquê de todas as outras mesas terem recebido outra coisa. Acontece que essa não foi a primeira e certamente não será a última vez. Bem como o tratamento dispensado nos atendimentos médicos. Para algumas pessoas, é quase um insulto a presença de alguém que consideram diferente. Nas incontáveis visitas às emergências e consultórios médicos, já presenciei absurdos, comigo e com pessoas por sua sexualidade (devidamente afrontosa anunciada nas vestimentas de quem não quer internalizar a barbárie), por seu gênero, por sua condição física e/ou psíquica. Como pressupor que um corpo, ao qual é imposta a recorrência de tensões, possa existir saudavelmente? Depois de episódios de dores dilacerantes vinte e quatro horas por dia por meses seguidos, como encontrar refúgio na fábula de que sou mais um dentro da normalidade? Só assumindo que o que queremos que seja normalidade, só o é para um pequeno grupo. As intensas dores que me despertaram estavam combinadas com sonhos/pensamentos sobre essa perda inenarrável. Nós já a conhecíamos, como contarei na sequência dessa crônica.

Notas:

1. <https://www.youtube.com/watch?v=TsmwIDV2xRg>
2. <https://www.youtube.com/watch?v=02-h9t0VpVI>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.